



A CONSTRUÇÃO INTERCULTURAL DA IGUALDADE E DA DIFERENÇA

Bernardete Ficagna*

Erick Paulo Abdallah**

Roberto Alves de Arruda***

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar sob a ótica de Boaventura de Souza Santos a construção intercultural da igualdade e da diferença, na sociedade capitalista. Também apresenta as faces da desigualdade e da exclusão e os mecanismos utilizados para sua gestão. Na sociedade contemporânea a desigualdade e a exclusão recebem novas significações e sofrem metamorfoses, impulsionadas por novos fenômenos como: globalização, espaços transnacionais, tecnologias, mundo digital, questões ambientais, biodiversidade.

Palavras-chave: Interculturalismo. Igualdade. Diferença. Globalização. Tecnologias. Biodiversidade.

1 INTRODUÇÃO

O multiculturalismo se encarrega de acomodar qualquer tipo de cultura distinta, em uma única sociedade, sem preconceito ou discriminação.

Segundo Semprini (1999, p. 89), o “multiculturalismo é um poderoso movimento de idéias, alimentado por um *corpus* teórico e de legitimação intelectual”. Portanto, o multiculturalismo surge para desconstruir a visão essencialista praticada pela epistemologia

* Graduada pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), pós-graduada em Psicopedagogia pela Faculdade de Sinop (FASIPE). Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

** Graduado em Direito pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

*** Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Trabalho, Educação e Práticas Sociais (GEPTEPS). Concursado na área de Metodologia de Ensino no Departamento de Pedagogia do Campus Universitário de Sinop, UNEMAT

monocultural porque a disposição multicultural. Semprini (1999, p. 89) “apóia-se sobre uma mudança de paradigma, ela invoca a instabilidade, a mistura, a relatividade como fundamentos de seu pensamento”.

Sem sombra de dúvidas que, entre as mais marcantes transformações no Mundo contemporâneo a afirmação da diversidade étnico-cultural é um dos traços mais significativos.

Manifesta-se por toda a aldeia global, com e para além da globalização. Contudo, ao longo da história nem sempre foi assim. As diferenças e a exclusão foram o escopo de muitos conflitos, desafios, conceitos, preconceito, discriminação e perseguições. Desigualdade e exclusão perpassam pelas sociedades fazendo com que os indivíduos de todas as raças, de variadas cores e credos, lutem para superar séculos de efervescência excludente e de desigualdade social.

2 SINTETIZANDO A CONSTRUÇÃO INTERCULTURAM DA IGUALDADE E DA DIFERENÇA

Hoje, desigualdade e exclusão possuem significados diferentes dos que já tiveram nas sociedades de outros períodos. Conforme Santos (1999, p. 1) “pela primeira vez na história, a igualdade, a liberdade, e a cidadania são reconhecidos como princípios emancipatórios da vida social.” Porém, somente uma ação política e social eficaz poderá oferecer meios para acabar ou pelo menos minimizar a desigualdade e a exclusão que coexistem na nossa sociedade.

Santos (1999, p. 02) apresenta uma discussão sobre a questão da desigualdade e da exclusão na sociedade capitalista, considerando-as dois sistemas de pertença hierarquizada, onde, pela desigualdade ‘quem está abaixo está dentro’ e pela exclusão ‘quem está em baixo está fora’.

Se a desigualdade é um fenômeno sócio-econômico, a exclusão é um fenômeno ‘cultural e social’, um ‘fenômeno de civilização’. Arraijada a um processo histórico que se dissemina através da cultura que estabelece um parâmetro tido como verdade e tudo o que ousa ser diferente transgride esse limite, acaba por sofrer o interdito e é rejeitado, dessa forma aquele que não se encaixa é arremessado de um lugar para outro, passa a fazer parte da heterotopia. Heterotopia, conforme Santos (1999, p. 3) são aqueles “[...] grupos sociais que são atingidos pelo interdito social, sejam eles a loucura, o crime, a delinqüência ou a orientação sexual”.

Boaventura Souza Santos (1999) postula que o sistema da desigualdade assenta-se no essencialismo da igualdade; o sistema de exclusão assenta-se no essencialismo da diferença. Mostra que existem graus diferentes de desigualdade e de exclusão, sendo o grau extremo da desigualdade a escravatura e o grau extremo da exclusão o extermínio. As práticas sociais, as ideologias e as atitudes combinam a desigualdade e a exclusão, a pertença subordinada e a rejeição, em que um sistema de desigualdade pode estar acoplado a um sistema de exclusão.

A modernidade capitalista através da regulação social engendra mecanismos que permitem controlar, ou, pelo menos, manter dentro de certo limite a desigualdade e a exclusão. Sempre que ocorre uma situação adversa, seja de desigualdade ou de exclusão, lança-se mão de mecanismos a fim de evitar que uma situação extrema se instale. O objetivo desses mecanismos é manter uma gestão controlada do sistema de desigualdade e de exclusão e atingir uma emancipação possível dentro do capitalismo.

Para o autor, esses mecanismos não se limitam apenas em controlar os sistemas de desigualdade e exclusão extremas, reportam-se, também, a redução de possibilidades de emancipação social possível dentro da vigência do capitalismo. Dessa forma, Santos (1999, p. 06) “a gestão moderna e capitalista da desigualdade e da exclusão é um processo político multidimensional e o dispositivo ideológico é o universalismo”. Que atua de duas formas na aparência contraditória: o universalismo antidiferencialista e o universalismo diferencialista. o universalismo antidiferencialista foi sempre privilegiado pela teoria política liberal através das idéias da cidadania e dos direitos humanos. As políticas sociais do Estado-Providência e do assimilacionismo dos países centrais para os países periféricos tentam lutar contra a desigualdade e a exclusão/segregação. Desta forma, cabe ao Estado assegurar a coesão social numa sociedade dividida por classes, atravessada pelos sistemas de desigualdade e exclusão.

O Estado encontra-se em crise, sobretudo por não conseguir atender às classes populares, deixando de dar andamento às políticas que pudessem simultaneamente assegurar o crescimento econômico, preços estáveis e uma balança de pagamento controlada, do mesmo modo que ‘parece ter fracassado a gestão controlada da exclusão’.

O mundo passa por constantes mudanças. E essas metamorfoses agravam-se com os processos de globalização, onde, alguns países, ou grandes grupos, que representam os interesses de outros poucos, adentram espaços-tempos internacionais. Instalam suas empresas exercem seu poder hegemônico, econômico e cultural. Para Boaventura (1999, p. 31) “A globalização da cultura, tal como a globalização da economia, é um processo desigual e contraditório.” É um processo de desenraizamento, pois a exigência do mercado de trabalho obriga a deixar para trás saberes e crenças seculares em detrimento de novos saberes. Essa

forma radical da globalização e das tecnologias de lidar com a cultura só fazem aumentar a desigualdade e a exclusão. Portanto, todas as culturas que não são valorizadas no mercado cultural global ou porque não se deixam apropriar ou porque a sua apropriação não provoca interesse, fatalmente acabam sofrendo uma forma radical de exclusão quanto o extermínio, são extinguidas da “memória cultural hegemônica” e, quando muito, permanecem nas ‘caricaturas que delas faz a cultura hegemônica’. Para Boaventura (1999, p. 32):

As metamorfoses por que estão a passar os sistemas de desigualdade e de exclusão sob o impacto dos processos de globalização, tanto econômica, como cultural são talvez ainda mais evidentes à luz de novos fenômenos de pertença subordinada em que se misturam cada vez mais intrincadamente a pertença subordinada pela integração e a pertença pela exclusão com repercussões significativas na composição social dos grupos sociais neles envolvidos e nas lutas sociais que eles protagonizam.

Destacamos aqui, ‘a luta pela biodiversidade e o espaço eletrônico’. Como alguns fenômenos que provocam metamorfoses nos sistemas de desigualdade e exclusão.

Conforme, Boaventura (1999, p. 32 e 33): “Calcula-se que mais de 90% da diversidade biológica que subsiste no planeta se encontra nas regiões tropicais e subtropicais da África, da Ásia e da América do sul”. Sendo assim, os indígenas, detentores não somente de grande parte da diversidade biológica da terra, também detém em sua sabedoria milenar todo o conhecimento referente às propriedades dos alimentos e medicamentos. Boaventura (1999, p. 33) diz: “Das espécies vegetais do mundo – 35 mil das quais, pelo menos, tem valor medicinal – mais de dois terços são originais dos países periféricos e semiperiféricos”. Esses países não concentram poder científico nem econômico, mas concentram em seus territórios o a matéria prima e as informações, ambas fazem crescer o interesse das super potências.

Também é fato que as comunidades indígenas antes desconhecidas ou esquecidas têm contribuído significativa para a agricultura industrial, para a indústria e, por último, para a indústria biotecnológica, apesar desses povos, tidos como ‘inferiores’ assegurarem o cuidado e preservação da diversidade biológica no decorrer da história, e isso por si só já é relevante no que tange a sobrevivência humana. No entanto, a revolução biotecnológica e a engenharia genética têm atribuído aos recursos biológicos dos povos indígenas um valor estratégico de olho no potencial de valorização capitalista quase infinito. Nesse viés, os territórios e os conhecimentos indígenas vão sendo integrados no processo de acumulação capitalista à escala mundial e o indígena passa a transitar de um sistema de pertença subordinada pela exclusão, para um sistema de pertença subordinada pela integração. Cabe destacar que a integração praticamente não se dá pelo trabalho, mas pelo conhecimento. A subordinação no caso reside

em não ser reconhecido como tal, e sim, tão somente, como matéria prima para o exercício do conhecimento hegemônico, o conhecimento científico.

A atualidade tem se configurado com contornos ainda imprecisos. Globalização, espaços transnacionais, tecnologias, mundo digital, questões ambientais, biodiversidade... Os sistemas de desigualdade e de exclusão estão em transição, parecem atualmente menos essencialistas, segundo Boaventura Sousa Santos (1999). A constituição, a consolidação e as transformações desses sistemas acontecem em um campo de relações sociais conflituosas, onde atuam diferentes grupos raciais, sociais, culturais, sexuais, religiosos, nacionais, etc. Para o autor:

A crise atual desta gestão controlada [da sociedade capitalista], protagonizada pelo estado nacional, [...] bem como as novas formas e metamorfoses do sistema de desigualdade e do sistema de exclusão são produtos de lutas sociais, tal como o serão as possíveis evoluções futuras da situação em que nos encontramos. (SANTOS 1999, p.43)

Articular políticas de igualdade e políticas de identidade não é uma tarefa fácil, principalmente se não quisermos cair nas teias do universalismo (SANTOS, 1999). A alegação de que todos são iguais supõe uma identidade única, que subjuga as diferenças uma vez que há a subordinação de determinados grupos em relação a outros. Essa idéia de igualdade descaracteriza e desqualifica as diferenças a partir da negação do que é individual.

Boaventura Sousa Santos (1999) argumenta que “nem toda diferença é inferiorizadora.” Assim, quando defendemos a política de igualdade, devemos considerar as diferenças. “Sempre que estamos perante diferenças não inferiorizadoras, a política de igualdade que as desconhece ou descaracteriza, converte-se contraditoriamente numa política de desigualdade. Uma política de igualdade que nega as diferenças não inferiorizadoras é, de fato, uma política racista” (SANTOS, 1999, p.44). Em uma política de igualdade genuína é necessária a “articulação horizontal entre identidades discrepantes e entre as diferenças em que elas se assentam”.

Conforme Boaventura de Sousa Santos (1999, p. 44), o recente imperativo terminante que, deve presidir a uma articulação pós-moderna e multicultural das políticas de igualdade e de identidade “temos o direito de ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”. A articulação pós-moderna de uma política de identidade e uma de igualdade depende desse imperativo.

Para o autor (1999), a efetivação desse postulado não é simples. É uma idéia complexa, que demanda o entendimento de que identidade e diferença são líquidas, não são fixas. Não temos uma única e definida identidade, mas assumimos identidades provisórias, de

acordo com o papel social que desempenhamos. Essa compreensão envolve também a fundamentação em um paradigma epistemológico que a ciência moderna não reconhece como legítimo. Isso porque, para a Modernidade, a diferença é o caos, que deve ser superado em função de uma ordem universalista. Em uma concepção pós-moderna, é necessário reconhecer as diferenças e distinguir as situações nas quais elas são usadas para inferiorização.

INTERCULTURAL CONSTRUCTION TO EQUALITY AND DIFFERENCE

ABSTRACT¹

The objective of this work is to present in light of Boaventura the intercultural construction to equality and difference in the capitalist society. It also presents aspects of inequality and exclusion and mechanisms used for their management. In contemporary society the inequality and exclusion adopt new meanings and suffer metamorphosis, driven by new phenomena such as globalization, transnational spaces, technologies, digital world, environmental issues, and biodiversity.

Keywords: Interculturalism. Equality. Difference. Globalization. Technology. Biodiversity.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

DANIELE Neves de Melo. **Visões de Discurso, Identidade e Cultura numa perspectiva Multiculturalista**. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao09/artigos_melodn.php>. Acesso em: 28 fev. 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença. **OFICINA DO CES**. Nº 135 - 1999: Publicação seriada do Centro de Estudos Sociais. Praça D. Dinis. Colégio São Jerónimo, Coimbra. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/135/135.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2012.

_____. A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença. **OFICINA DO CES**. Nº 135 - 1999: Publicação seriada do Centro de Estudos Sociais. Praça D. Dinis. Colégio São

¹ Transcrição realizada pela aluna Kerllin Carla Boeing, do Curso de Especialização em **Docência do Ensino Superior** e revisão pela professora Marli Cichelero (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

Jerónimo, Coimbra. Disponível em:< <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/135/135.pdf>.>
Acesso em: 28 jan. 2012.

_____. **Para um novo senso comum:** a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Um discurso sobre as ciências.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SEMPRINI, A. **Multiculturalismo.** Bauru: EDUSC, 1999.